

Faixa presidencial representa o poder máximo

BARTOLOMEU RODRIGUES

BRASÍLIA — Num pesado cofre, instalado no terceiro andar do Palácio do Planalto, uma das heranças do começo da República resiste ao tempo: a faixa presidencial, criada numa época em que era preciso algo material para simbolizar o poder máximo, no lugar da coroa do destronado segundo imperador. Com poucas diferenças no seu desenho original, ela carrega 300 gramas do mais puro ouro e será o principal adorno do futuro presidente eleito.

O presidente José Sarney, que a ostentou publicamente apenas três vezes, faz questão de colocá-la pessoalmente no seu sucessor, como mandam as regras do cerimonial. Ele próprio não teve este prazer, porque seu antecessor, o general João Batista Figueiredo, preferiu deixar o Planalto pelos fundos a ter de passar o comando a um civil vitorioso no Colégio Eleitoral de 1984. No dia da posse, a entrega da faixa terá o mesmo efeito do coroamento de um rei: um presidente sem faixa é como um rei

sem coroa. E, além da pose para a fotografia oficial, o futuro presidente poderá exibí-la ao povo concentrado na Praça dos Três Poderes do púlpito de mármore do Planalto.

“Ela carrega 300 gramas de ouro puro e foi criada para substituir a coroa do imperador”

A história da faixa presidencial começa em 1902. O então presidente Rodrigues Alves foi aconselhado a criar um símbolo de poder para os civis, já que os presidentes militares anteriores, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, se satisfaziam plenamente com os galões e as fardas que usavam. Esta é a interpretação do atual guardião da faixa, o chefe do cerimonial do

Planalto, ministro Júlio César Gomes dos Santos, que defende um reestudo das normas atuais, em função da nova realidade política e social do País.

Um dos inconvenientes é que a faixa só pode ser usada sob casaca preta que, por estar fora de moda, levou os últimos presidentes, incluindo o bem comportado Sarney, a

“O presidente Sarney faz questão de vesti-la pessoalmente no dia da posse do seu sucessor”

infringir as normas e aparecer em público vestindo-a sobre o paletó. Os ex-presidentes Médici e Geisel, por exemplo, eram vistos com frequência usando a faixa em recepções, bailes e solenidades. Sarney

só a retirou do cofre na posse — e aí vestiu a casaca preta para a foto histórica —, na promulgação da Constituição e no desfile do 7 de Setembro deste ano.

A faixa a ser usada agora, no entanto, não é a mesma do tempo de Rodrigues Alves, que, por coincidência, não chegou a vesti-la porque morreu em seguida. A primeira está no Museu da República e, de 1902 até agora, foram confeccionadas pelas menos oito, seguindo o mesmo modelo. “Quando a faixa apresenta algum sinal de desgaste é providenciada outra”, explica o ministro Gomes dos Santos. O costureiro (ou costureiras) que bordou com fios de ouro e prata a faixa, o ministro diz desconhecer. “Já a recebemos pronta e creio não ser problema encontrar um profissional capaz para fazer uma”, comenta.

Além do brasão com as Armas da República, a faixa tem franjas com fios de ouro e, na extremidade, uma jóia com a efígie de uma mulher representando os Estados originais da República.



Sarney com a faixa: pose na cerimônia de sua posse

AE-Arquivo